

Arte brasileira em Buenos Aires

DEIXADO DE SÃO PAULO. 24/5/66

GERALDO FERRAZ

BUENOS AIRES, maio — No tumulto da avenida Corrientes, nesta tarde de maio, encontramos, á porta do Museu de Arte Moderna, o diretor Hugo Parpagnoli, de partida para o Paraguai — mas sempre, da parte deste argentino, gentil e elegante, de pura ascendência romana, encontramos alguns minutos de boa e proveitosa atenção, torando expediente, na iminência da viagem.

Parpagnoli está muito satisfeito com a exposição que o Museu de Arte Moderna abriga, de artistas brasileiros contemporâneos, exposição patrocinada pela Embaixada do Brasil e pelo Itamarati. Parpagnoli prefaciou o catalogo, que tem uma reprodução do desenho grafico de Rogelio Polesello, um dos excelentes cultores do "industrial design" na Argentina. Pode-se dizer de passagem que cartaz e catalogo nada têm a ver com a exposição, baseado o desenho de Polesello no prismatico a que obedecem. E', em todo caso, uma especie de homenagem argentina aos trinta expositores brasileiros.

Quanto ao criterio da exposição, parece-nos de lastimar que as preferencias se tenham situado, principalmente, nos artistas que fazem do Rio de Janeiro a sua area de atividade. Pois só Waldemar Cordeiro exemplifica o residente em São Paulo. Parpagnoli, na apresentação, assinala que "artistas igualmente interessantes como Wega, Leirner ou Barros (Geraldo) "não foram incluídos por se terem apresentado em recentes "esplendidas exposições individuais em Buenos Aires". Mas a ressalva não nos convence do criterio que tem feito o Rio monopolizar a representatividade brasileira.

Quanto ao valor dessa seleção, diremos, generalizadamente, que ela compreende uma notavel demonstração de gra-

vura, com Edith Behring, Dora Brasilio, Farnese e Andrade, De Lamonica, Ana Bella Geiger, Piza, Ana Letydia, Marilia Rodrigues, Assunção Souza, com restrições que cabem á xilogravura de Newton Cavalcanti, de ritmo "barlachiano", e toda essa gravura se situa muito acima da pintura, como qualidade.

Ivan Serpa, que seria o melhor pintor aqui representado, em fase posterior á da VIII Bienal, fragmenta as figuras ruando para um documentario social, urbano, em que tudo parece ter sido rasgado de cartazes. E nem chega a interessar como invenção; mas qualitativamente essa pintura se resente de uma certa displacencia, o que é grave em tal artista. Os trabalhos de Iberê nada trazem de novo, como igualmente Szulc — acochendo-se a uma pintura de pequeno formato, de tema construtivo, a modesta contribuição de Ione Saldanha, merece menção. Tem qualidades.

As esculturas, na crise de escultores, que atravessamos, são de Sergio Camargo, Hamilcar de Castro, Ligia Clark, Weissmann, e nada acrescentam ao que aí se conhece. Em nosso entender, bastante pobre.

Com isto, enchem-se dois andares do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires.

Desaparece baritono francês

PARIS, 25 (AP) — André Bauge, outrora um dos mais famosos baritonos do mundo, faleceu hoje, com a idade de 73 anos, nesta cidade.

Bauge interpretou varios papeis operísticos e atuou em algumas das primeiras películas sonoras francesas.